



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ELISABETH GUTIERRES ETGES

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Elisabeth Gutierrez Etges

Nascimento: 11.03.51

Local da entrevista: Escola da entrevistada

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 28.01.2015

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1h 15min 14 seg.

Páginas Digitadas: 16 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Data de nascimento e Naturalidade; Início na dança; Escola de Dança do Professor João Luiz Rolla; Metodologia e o uso da varinha; Aulas com o Professor Rolla; Espetáculos de Dança; Criações coreográficas; Notícias dos espetáculos nos jornais da cidade; Criação da própria escola Ballet Gutierrez; Período após a formação o contato com o Professor Rolla; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 28 de janeiro de 2015. Entrevista com Elizabeth Gutierres Etges a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

E.E. – Elisabeth Gutierres Etges

M.C. – Qual tua data de nascimento?

E.E. – 11 de março de 1951

M.C. – Qual teu estado civil?

E.E. – Sou casada.

M.C. – Tu tens filhos?

E.E. – Tenho duas meninas.

M.C. – Qual tua naturalidade?

E.E. – Sou natural de Porto Alegre.

M.C. – Gostaria que tu me falasses como iniciou tua história na dança.

E.E. – Meu pai era de origem espanhola e sempre gostou muito da dança. Ele nos incentivou. Depois a minha mãe fez muita força mesmo com problemas financeiros que sempre houve, durante o nosso curso, mas ela nunca deixou de incentivar.

M.C. – Em que escola tu iniciou a dançar?

E.E. – Foi no João Luiz Rolla.

M.C. – E porque escolheram essa escola?

E.E. – Meu pai e minha mãe me perguntaram qual a escola que eu queria, pois existiam outras, mas alguma coisa me chamava para ele. Meu pai logo deu força porque ele era um professor homem, veja bem que coisa interessante, meu pai dizia que com certeza teria algum diferencial por ele ser homem. Eu era uma menina de seis anos e eu escolhi entre Dona Tony¹, Dona Salma Chemale, e eu optei por João Luis Rolla. Nós visitamos as escolas e foi uma escolha minha. Ele, o professor Rolla, foi muito simpático e me cativou desde o início.

M.C. – Onde era a escola?

E.E. – Era na Rua Marechal Floriano. Tinha uma sala maravilhosa, umas salas grandes. Nós morávamos aqui na Avenida Dom Pedro II. Eu sempre morei desde pequena aqui.

M.C. – E quem eram as tuas professoras?

E.E. – A Erenita Parmegiane² e a Regina Guimarães³ eu acho que também me deu aula eu não lembro bem... eu conclui em 1966. Eu lembro muito do Rolla basicamente muito, muito com ele.

M.C. – Estudaste sempre na escola da Rua Marechal Floriano?

E.E. – Não, não. Não me lembro em que ano, mas pediram a sala para ele e ele, então muito feliz, conseguiu comprar outra sala. A minha impressão foi que ele comprou uma sala que ficava em cima do cinema Cacique. Ele nos levou lá para nos mostrar as dependências mostrar para minha mãe porque ela também era muito amiga muito parceira companheira dele. Ele mostrou com muita alegria aquela sala por isso que me parecia que ele estava adquirindo para ele. Era uma situação nova para ele eu não sei o que houve praticamente eu não tive aula ali. Não sei se isso foi em férias e ele mostrava a sala, mas eu

¹ Antônia Seitz Petzhold.

² Erenita Parmegiane Teixeira, ex-aluna da escola de João Luiz Rolla.

³ Regina Adylles Guimarães, ex-aluna da escola de João Luiz Rolla.

sei que nós não conseguimos ter aula ali. Imediatamente por essa força maior que eu não entendi direito ele foi para uma sala na Avenida Alberto Bins. Ele se resignou e também ficou muito contente. O que aconteceu é que ali ele alugou e adaptou a escola. Depois de muito tempo ali ele cada vez mais crescia como profissional, como professor de dança, como escola de dança, como referencial de escola de dança em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul até. Ele crescia muito neste aspecto. Os espetáculos contavam com grande público, grande público vinha assistir as criações coreográficas dele e isso levou que ele tivesse um convite para ocupar o Auditório Araújo Viana. Não sei se foi de ordem governamental da prefeitura de Porto Alegre e ele foi honrosamente convidado a dar aulas lá e tendo naquele espaço uma sala que foi toda adaptada para ele. Então fomos para o Auditório Araújo Vianna e lá nesta sede do auditório foi que eu me formei.

M.C. – Como ele era como professor?

E.E. – Ele era uma pessoa maravilhosa porque ele se colocava não só como professor, mas muito como teu amigo. Então como eu te disse, desde pequena, eu já tive uma atração especial por ser ele a pessoa que iria me ensinar e isso se desenvolveu muito nele e isso ele fazia com todos. Ele era uma pessoa muito carinhosa com as alunas, muitíssimo respeitador até tem a história da famosa varinha. Então às vezes as pessoas não entendiam. E às vezes as gurias diziam “ah hoje ele bateu mais forte na minha perna.” Mas em mim *nunca! Nunca ele bateu!* Bater... não era bater a palavra era encostar, dar um toque para mostrar e dizer estica o joelho. E as pessoas às vezes não sabiam, mas isso tinha um grande motivo que era não encostar na perna da moça ou da menina, e sim mostrar onde tinha que melhorar esticar um joelho ou pé e ele mostrava com a varinha. Esta era a grande finalidade da varinha. Não era outra autoridade que ele queria mostrar. Até no início eu pensava... “eu devo estar sempre bem [risos] por que em mim ele nunca...” e não era um bater era um encostar. Ele era uma pessoa extremamente profissional ensinava de uma forma clara, explicava as coisas, muitíssimo exigente e os alunos ouviam ele com muita atenção. Então todos os trabalhos de ensaio de coreografia nós ouvíamos muito ele sempre procurando resultados. Ele era muito criativo. Ele criava a partir de uma música. Ele selecionava determinadas músicas e criava maravilhosamente bem. Então ele era um grande criador, um grande coreógrafo. E dentro da parte técnica ensinava muito bem.

Porque se tu não tem técnica tu não tem execução e não vai fazer um brilhante trabalho no palco e nós tínhamos tudo isso porque ele dava uma boa técnica.

M.C. – Gostaria que tu falasses sobre os espetáculos.

E.E. – Sobre os espetáculos o 2001 uma odisseia nas fronteiras sem fim da dança foi incontestável! Eu dancei essa coreografia eu estava dentro da grande valsa. Mas teve muitos balés... Teve uma situação muito interessante quando ele já estava dando aula no auditório e nós participamos como sacerdotisas dentro da ópera Aida. Então assim foi todo um contexto os atores, cantores da ópera que vieram do Rio de Janeiro e outros daqui de Porto Alegre, mas o corpo de baile era do balé do Rolla. O balé do corpo de baile foi escolhido para ser o balé do Rolla. Entre outros personagens eu estava de sacerdotisa e essa experiência foi uma coisa que está na minha mente até hoje parecia uma pequena parcela dentro de um contexto maravilhoso. Os escravos com tochas acesas em volta de todo aquele Araújo Viana e toda a ópera acontecendo. Então são estas coisas que ele foi adquirindo pelo avanço dele, pela projeção dele em Porto Alegre isso era visto pelas pessoas competentes. Grand Canyon suíte também foi fantástico, mas eu era do balé infantil. Porque a participação dos balés ele fazia conforme a hierarquia e eu devia estar nessa faixa intermediária e quem dançava era as da turma adiantada.

M.C. – Gostaria que me falasse sobre estas criações.

E.E. – Eu sempre fui uma pessoa muito quieta, muito na minha e pra mim essas informações não chegavam. Eu acredito que com o grupo de professoras e alunos adiantados eu acho que ele colocava as ideias, a grande criação que era dele. Mas pra mim isso não chegava praticamente, isso não chegava. Eu nunca fui primeira bailarina, mas fui do grupo dos adiantados, os grupo de conclusão de curso que já estavam nestes grandes trabalhos como 2001, ou a ópera. Mas certamente acontecia com as mais antigas e as professoras tinha a Zelira⁴, a Manon⁵ e a própria Regina. Essas eram muito próximas com ele.

⁴ Zelira Eichemberg, ex-aluna da escola de João Luiz Rolla.

⁵ Manon Freire, ex-aluna da escola de João Luiz Rolla.

M.C. – E como ele coreografava na tua turma?

E.E. – Ele muitas vezes coreografava conosco ele trazia uma iniciação, mas dava continuidade junto com a gente. E é uma coisa que eu continuo até hoje com os meus alunos aqui da minha escola porque, claro que tu conhece os teus alunos tu conhece o teu grupo. Mas às vezes tu cria sozinha, criar uma pequena parte e joga para o grupo. Conforme respondeu, hoje com quarenta e oito anos de escola, eu já sei se posso seguir criando. E ele fazia muito isso também e aí seguia o processo criativo.

M.C. – Como era a repercussão dos espetáculos nos jornais?

E.E. – Era muito importante a gente se sentia muito importante. Era o Jornal O Correio do povo, que era o jornal da época. O Aldo Obino que era um grande crítico de balé. Naquele tempo nós dançávamos no Teatro São Pedro uma temporada, três, quatro espetáculos e nós já esperávamos a crítica e sempre foram maravilhosas. O Aldo foi um grande crítico e era um aliado do Rolla. Então nós tivemos críticas memoráveis que acompanharam ao longo deste trabalho. O que é lastimável é que hoje não se tem mais isso. Porque eu iniciei a minha escola em 1967 e então eu fui apresentar para o Aldo a minha escola e disse estou abrindo uma escola eu me formei no professor João Luiz Rolla e estou tendo um espetáculo assim, assim... e gostaria da sua presença. E ele começou a me perguntar tudo tanto que quando saiu a primeira crítica do meu primeiro espetáculo ele já tinha me entrevistado e relatou tudo como eu tinha iniciado. Então o Aldo Obino seguiu comigo sempre nos meus espetáculos, mas as críticas foram diminuindo e já não aconteciam mais porque não tinham jornalistas especializados em dança. Então aquilo foi se perdendo.

M.C. – Gostaria que me contasses como iniciou a tua escola.

E.E. – Eu tive um convite da Sociedade Sírio Libanesa. Porque eles tinham muitos pedidos para aulas de dança e me disseram: “Beth eu sei que tu te formou tu estás com teu trabalho de conclusão feito e nós queremos te convidar.” Mas eu era muito nova tinha dezesseis ou dezessete anos eu até hesitei, mas eles insistiram muito e eu aceitei. Eu comecei dentro da Sociedade Libanesa. E o que eu tinha na minha escola? Todo o ensinamento do Rolla,

minha grande bagagem, ele tinha as pianistas Dona Elisa⁶ e Dona Amália⁷, porque ele trabalhava com pianistas e daí eu disse que precisava de piano e tudo eles tinham. Aí eu fui à busca de uma pianista e consegui com muita facilidade uma pessoa, jovem como eu na época, estava concluindo o curso de piano. Então logo eu já tive o piano e já tive a pianista. E assim eu comecei com sete alunas na sociedade que me ofereceu tudo praticamente eu entrei com o corpo [risos]. E foi se desenvolvendo maravilhosamente bem no ano seguinte eu já estava com quinze alunas e no outro com trinta alunas. E assim foi uma evolução fantástica dentro da Sociedade Libanesa.

M.C. – Quanto tempo tu ficastes na Sociedade Sírío Libanesa?

E.E. – Eu fiquei mais ou menos seis anos. No meio desse tempo eu conheci o que hoje é meu marido que me deu muita força. A profissão dele é outra, mas ele sempre deu força para escola. E foi uma grande coincidência por que nós casamos em cinco de fevereiro, nas férias, e quando eu voltei em Março para continuar as aulas me disseram: “olha aqui tem muitos jantares e a sociedade está muito atribulada, as suas aulas serão nos horários à noite e nós vamos precisar da sala e não poderá dar mais aula aqui.” Então assim, recém-casada, o apartamento recém-comprado, e aí foi aquela situação... mas a gente venceu. Alugamos um apartamento na rua Carlos Von Koseritz e o apartamento tinha uma sala bem grande. Enfrentamos muitas dificuldades porque vai ter uma escola de dança, vai ter barulho, vai ter música, mas nós ficamos lá com olhos para adquirir alguma coisa e ficamos quatro ou cinco anos lá e aí conseguimos comprar esta casa. E isto há trinta e seis anos atrás. A casa tinha as salas de baixo que eram no subsolo e em cima daria para nossa moradia. Então com nenê pequeno e ainda pagando o apartamento foram muitas as dificuldades, mas eu senti que poderia vencer a compra deste local. Porque este local nos impressionou muito porque na verdade eu achava muito importante ficar aqui perto e estava voltando para minha rua de origem que era a Dom Pedro, pois eu morava ali embaixo. Então conseguimos comprar a casa com um financiamento e aí sim quando eu transferi a escola para cá se multiplicou. Nós fomos a duzentos e cinquenta alunos! Uma coisa fantástica! Eu tinha uma sala, mas em dois anos fiz uma reforma e construí mais uma sala atrás porque o pátio era muito grande e já fizemos mais uma sala e assim foi. Evoluiu fantasticamente. E

⁶ Eliza Zimpech, pianista.

⁷ Luiza Amália Leite Pereira, pianista.

agora fazem doze anos que nós demolimos efetivamente tudo e construímos totalmente apropriado para dança. Esse piso é balanceado à moldes de um piso alemão para preservar as articulações. Nós estamos com três salas totalmente aparelhadas, mas isso são só quarenta e sete anos que é a idade da escola [risos]. Eu e minhas irmãs nós trabalhávamos juntas. Eu na Sociedade Libanesa, minha irmã Beatriz Gutierrez Pavete no colégio Bom Conselho, ela também se formou no professor Rolla exatamente um ano após a minha formatura, e a Ligia Gutierrez da Silva se formou seis anos após e também foi buscar um lugar para dar aula embaladas pela minha escola porque eu convidei ela para dar aula comigo e paralelo a isso ela foi buscar outro colégio e está lá no Concórdia até hoje. Cada uma nos seus pontos, mas no momento que nós fazíamos o espetáculo que era um trabalho extenso nós juntávamos os alunos todos. E isso era uma coisa muito boa porque todos os alunos estavam juntos. E também a moldes do Rolla porque ele sempre fez espetáculos no Teatro São Pedro no primeiro ano que eu estava na Sociedade Libanesa e eu tinha sete alunas eu pensei que tinha que mostrar alguma coisa, mas não me atrevi a ir para o Teatro. Aí eu montei lá na sociedade O Reino encantado com aquelas sete alunas, um pequeno espetáculo dentro da Sociedade Libanesa. No ano seguinte o meu segundo ano o meu marido, que ainda era meu namorado, me disse vamos ousar um pouco vamos para o teatro. E aí fomos para o Cine Teatro Presidente, ele tinha tudo camarim, coxias. E no terceiro ano eu já estava com bastante alunos eu pensei agora sendo bem ousada fui no Teatro São Pedro, naquela época era o Dante Barone que licenciava o teatro. Eu fui lá e disse que era ex-aluna do seu Rolla, que tinha uma escola com tantos alunos e eu gostaria de fazer um espetáculo de final de ano. Ele abriu a agenda e me deixou escolher um dia. Então já no terceiro ano eu fiz espetáculo no Teatro São Pedro que foi muito bem aceito. O Aldo Obino, o crítico, sempre conosco acompanhando ele sempre estava lá assistindo.

M.C. – Muitas vezes tu tens dito “nos moldes” o que queres dizer com esta expressão?

E.E. – Moldes são coisas assim como ter a pianista depois quando eu comprei aparelho de som eu ia na casa da pianista gravar as músicas, usar o Teatro também. Então essas coisas eu busquei como ele fazia. Porque eu achava que isso dava qualidade e eu queria qualidade, pois o meu foco para o meu aluno foi sempre dar a melhor qualidade. Mas agora quanto a questão de dentro da sala de aula sim. Eu usei todas as bases técnicas que ele me ensinou. Uma técnica bem limpa, bem apurada, mas imediatamente eu senti que eu

precisava buscar mais. Então fui para um aperfeiçoamento no Teatro Colón e depois no Rio de Janeiro com Tatiana Leskova e Dona Eugenia⁸. Passava algumas temporadas de férias de quinze, vinte dias fazendo aulas porque eu sentia que eu precisava mais e assim gradativamente a questão da dinâmica de aula que tu vai desenvolver com o aluno eu comecei a atribuir a todos esses conhecimentos que eu busquei. E aí não somente aos moldes do Rolla, mas com tudo que eu agreguei. Eu trouxe professores... no segundo ano que eu estive no Rio de Janeiro foi muito proveitoso. Nas férias seguintes fomos de novo para o Rio e eu conheci Flávio Sampaio, que era um professor dentro da escola da Tatiana Leskova, bailarino que já tinha se aposentado. Nós começamos a conversar e eu o convidei para vir dar um curso de férias na minha escola e ele se interessou. Ele era do Ceará e estava no Rio de Janeiro e ele me disse que viria. Isso foi em fevereiro e nós marcamos para julho ele veio dar esse curso de férias conosco por sete anos seguidos. Ele adorou Porto alegre e ele ficou uma pessoa quase que da casa e se desenrolou uma amizade muito grande. Hoje ele está de volta ao Ceará e tem uma ONG onde atende um grupo enorme de crianças desde a alimentação até o ensino da dança. Uma pessoa incrível tem dois livros escritos inclusive no primeiro eu colaborei com material porque ele me disse: “Beth porque o teu conhecimento... eu gostei muito da forma.” Porque ele tem uma visão também ele trouxe os conhecimentos do Ceará e aprimorou com a Tatiana e a forma didática que ele tinha para dar aula cativou a Tatiana Leskova. Também dentro do próprio Teatro Municipal do Rio de Janeiro ele ficou coordenando os primeiros bailarinos. Então ele me disse que eu tinha uma coisa muito próxima a ele e quando ele estava escrevendo o primeiro livro era quando ele voltava a Porto alegre e eu cedi material da minha biblioteca. E hoje ele está realizado com este trabalho na ONG e tem aparecido bastante na mídia, tem ido muito a Joinville. Então essas foram as coisas que eu fui trazendo pra escola para fazer a escola crescer.

M.C. – Quantos anos de existência tua escola completou?

E.E. – Quarenta e sete anos. Assim como eu estava te contando eu fiquei no Teatro São Pedro desde o terceiro ano com espetáculo até o ano em que ele fechou para reforma e aí eu fui para o Salão de Atos da UFRGS e a UFRGS também fechou para reforma e eu fui para a PUC. Depois voltamos para a UFRGS e agora fazem dois anos que estamos no SESI

⁸ Nome sujeito a confirmação.

FIERGS. Nós demos um passo maior porque a UFRGS já não correspondia e eu sempre pesquisei muito a questão de cenários. Eu fui a busca de trabalho com balés de repertório. Que o Rolla, como eu te disse no início, ele tinha todo um trabalho de criação. Essa criação dele era fantástica. Mas os meus alunos começaram a ter muita sede para conhecer os balés de repertório e eles perguntaram: “por que a gente não dança Coppélia? porque a gente não dança Dom Quixote?” Meu Deus! Nós não pedíamos isso para o Rolla até porque ele nos satisfazia como o brilhante trabalho dele. Mas aqui começou a ser solicitado e eu tive que ir à busca. Mas aí a gente contava com vídeos coisas que o Rolla não tinha. Ele era pura criação. Eu já tive como buscar e aí após o segundo ano que o Flávio Sampaio veio para escola ele me disse eu vou te ajudar. Porque eu era escola de balé clássico como não apresentar um repertório? E aí começamos a montar. Ele no Rio de Janeiro e eu aqui e aí eu escolhi La fille Mal gardeé o meu primeiro balé de repertório. Aí eu disse: “eu não tenho bailarinos Flavio tu vai dançar para mim!” E ele disse: “não vou poder te dizer que não, mas estou afastado há muitos anos pelo meu problema de coluna, mas não vou dizer que não. Eu vou dançar!” Ele voltou para os palcos e foi uma coisa muito linda uma grande volta dele ele trouxe uma bailarina do Rio de Janeiro e montamos o balé. Foi o ano que não contávamos mais com o Aldo Obino como crítico, mas eu me empenhei muito na divulgação nos jornais porque era o primeiro balé que a escola estava montando, pois eram poucas as escolas desta nova geração de escolas em Porto alegre que apresentavam repertório. Então Flávio veio para fazer o primeiro papel e a montagem foi através de estudo em fitas de vídeo, e tudo foi feito da forma mais autêntica possível. Foi um sucesso. Eu chamei a imprensa e tive a grata satisfação de ter uma equipe me entrevistando e filmando um pouquinho do espetáculo que foi divulgado na mídia. A partir daí começou a evoluir os balés de repertório aqui dentro da escola.

M.C. – Quais eram as escolas nesta época?

E.E. – Então num primeiro momento como tinha te falado a pouco foi Dona Tony⁹, a Salma¹⁰, a Lya¹¹ que já estavam as alunas remanescentes dela, e Marina Fedossejeva, Ilse Simon na Sogipa e o Rolla.

⁹ Antônia Seitz Petzhold.

¹⁰ Salma Chemale.

¹¹ Eliane Clotilde Bastian Meyer Schimitz.

M.C. – Havia uma maior expressão no cenário artístico de algumas destas?

E.E. – Bem eu mesmo sem saber se um dia teria escola assistia aos outros espetáculos, mas o Rolla pra mim como o Rolla não existia nada como ele. Porque isso foi uma coisa muito forte, prova no vínculo que nós temos até hoje. Entre as outras escolas eu cito a Dona Marina com um estilo bastante russo. Ela vinha da escola russa muito fortemente. E trazia a escola russa mais pura para nós porque ela veio de lá. E Dona Tony já fez o aprendizado aqui saindo da educação física. Então assim raízes russas mesmo quem nos trouxe foi ela. E é por isso que eu fiquei muito inclinada para o Rio de Janeiro e voltei para lá muitas vezes. Porque Tatiana Leskova e Dona Eugênia também tinham as bases russas trazendo toda a bagagem russa que era o que eu queria. O Rolla dizia: “eu sigo a escola Russa. Balé clássico acadêmico! Nós somos da escola da metodologia Russa de balé!” Ele sempre dizia isso e ele também nos dizia: “meu aprendizado foi com Dona Tony” ponto. Ninguém questionava. Só que a gente sente que ele se revelou tão fantásticamente que um dia deixou a Dona Tony e abriu a sua escola. E aí nós éramos Rolla. Então essas outras vinham neste patamar e aí nessa segunda fase eu abri escola, a Vera Lúcia Machado praticamente no mesmo ano que eu, já estavam a Cristina Fragoso e a Cristina Futuro que começou a escola um pouquinho antes de mim a Isabel Beltrão começou depois ela era mais nova. A Vera Bublitz veio depois de Cruz Alta eu sei por que eu conversei com ela logo que ela estava chegando. Ela quando chegou nós éramos as escolas de Porto alegre vindas do Rolla ou vinda da Salma e nós estávamos bem situadas e aí aterrizou a Vera Bublitz. Ela veio carregada de um grande marketing que nós não tínhamos este poder de marketing e nem tínhamos como investir fortemente em marketing. Eu investi na escola para ter uma grande escola num prédio totalmente apropriado para dança. Então ela nos venceu galopantemente porque estava na mídia.

M.C. – Após a formatura e na abertura da escola como ficou o contato com o professor Rolla?

E.E. – Eu quando participei a ele que iria abrir a escola ele me disse: “como tu vai dar aula? acabou de se formar? como tu vai dar aula?” Eu senti uma resistência que eu não esperava. Então eu pedi algumas partituras emprestadas e ele disse que não tinha. Depois a

Dona Amália¹² me disse que ele tinha pilhas [risos]. Eu sempre fui daquele jeito muito quietinha até acho que ele pensou que por eu ser assim muito quietinha eu não ia fazer alguma coisa boa e estragar o nome dele. Aí eu voltei sozinha e a Dona Amália disse: “não se preocupa eu tenho as partituras vou gravar pra ti” e essa parte de música eu resolvi. Eu seguia indo visitar só que eu acho na verdade que foi porque eu abri escola e ele gostava muito da minha terceira irmã. Porque a Liginha¹³ era tudo pra ele. E como ela ainda estava na escola eu senti que as coisas ficaram mornas, mas eu disse: “deixa assim.” Eu convidei ele inúmeras vezes para vir ao espetáculo. E eu sempre fui prestigiar, os anos foram passando e eu sempre ia. Sempre ia visita-lo nos horários que eu sabia que ele não estava em aula e aí depois ele viu que com três anos eu tinha cinquenta alunos aí ele queria saber, mas com cuidado. Ele tinha um cuidado ele queria saber, mas de portas fechadas. [risos] Ele começou a entender... a Isabel Beltrão¹⁴ ainda não tinha iniciado ela começou depois que foi outra continuadora e a Cristina Futuro¹⁵ depois a gente ficou muito amiga e ela me disse “comigo foi a mesma coisa”. E aí ele viu que a Liginha estava dando aula na Beth aí ele teve que entender. Os anos se passaram e ele fechou a escola, mas eu não sei te dizer nada porque ele estava fora. Hoje a Regina faz parte das bancas examinadoras da minha escola. Até hoje a irmã dela a Laura Guimarães é minha professora aqui na escola a filha da Laura Guimarães, a Natália Guimarães é minha professora aqui na escola também. Agora atualmente depois de muitos anos que elas passaram a dar aula aqui. Então a minha amizade com a Regina com as pessoas todas continuou. A Regina sempre me prestigiando muito, mas teve este afastamento na saída da minha irmã a última se formar. Mas depois a Estelamaris¹⁶ é uma pessoa bastante amiga minha e de vez em quando ela ligava e dizia o Rolla está mal, está muito depressivo, e aí ela fez um grupo e no aniversário dele dia 24 de julho sempre tinha uma janta e eu ia. Nós nos encontrávamos lá. Até que eu senti... e se eu convidasse ele a voltar a dar aula na minha escola? Vamos ver como ele vai aceitar porque eu já tinha sentido aquele afastamento, mas deixa pra lá, eu disse eu vou perdoar isso e aí eu falei: “seu Rolla eu queria fazer um convite” e ele parecia uma criança de felicidade! “Eu queria lhe convidar para dar aula para as alunas mais adiantadas elas vão gostar muito de conhecer a sua aula e saber que o senhor foi o meu professor!” E aí falei todas as coisas

¹² Luiza Amália Leite Pereira, pianista.

¹³ Ligia Gutierrez da Silva, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

¹⁴ Isabel Beltrão Brandão, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

¹⁵ Maria Cristina Futuro, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

¹⁶ Estelamaris Prato Broetto, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

possíveis que a escola estava muito baseada nele e ele disse, mas eu não tenho música! E aí eu disse: “mas a Dona Eliza¹⁷ gravou pra mim as músicas.” E ele disse: “tu conseguiu?” [risos] ele sabia direitinho e eu disse: “não se preocupe.” Bom daí ele vinha dar aula uma vez por semana na escola. Meu marido me ajudou muito. Ele ia buscar e levava de volta e aqui o Rolla era tratado como um rei. Isso foi fantástico! Mas ele fazia um esforço muito grande. Eu percebia a questão assim a lembrança da demonstração com a idade foi ficando mais era difícil. Foi quase um ano que durou isso, mas ele ficou muito feliz e hoje eu fico muito grata de ter conseguido ter a cabeça de ter trazido ele para dar aula aqui. Eu volta e meia convidava e a Regina também nos meus espetáculo, eu dizia: “leva o Rolla”. Me parece que uma vez ele foi no espetáculo ficou muito na dele, mas eu fiz a minha parte.

M.C. – Tu tiveste algum contato do momento final em que ele estava na clinica?

E.E. – Eu estive na clínica que é perto daqui. O dono da clínica é meu vizinho aqui ao lado e ele me disse olha o teu professor esta lá na clinica. Eu passei a visitar, mas eu tinha um filho pequeno e mais à escola, dois professores, era tudo eu. Mas eu conseguia ir lá conversar com ele. E eu, na primeira visita que fiz para ele, disse: “Rolla eu trouxe uma fita de aula pra tu escutar e ele disse que bom aqui ninguém deixa fazer nada.” E eu disse: “eu vou chamar o Valter¹⁸ e ele vai colocar o som aqui no teu quarto para escutar essas fitas que toda vez que eu vier vou te perguntar sobre as músicas que estão aqui.” E levei muitas vezes para ele. Então a minha aproximação neste momento final foi esta.

M.C. – Gostaria que tu me falasses o que a escola de João Luiz Rolla representou para Porto Alegre?

E.E. – Inegavelmente um grande marco. E não vai aqui um depoimento pessoal, vai uma colocação do que acredito que seja que realmente foi a maior escola de Porto alegre não tenha dúvida. A pessoa mais talentosa realmente. Porque ele teve trabalhos que antecedeu o período de escola ainda como bailarino ele atuou como partner da Dona Tony. Ele atuou no palco. Então tanto como bailarino, como artista, como professor, uma pessoa completa dentro do balé clássico. E indiscutivelmente como escola é a maior escola de todos os

¹⁷ Eliza Zimpech, pianista.

¹⁸ Nome sujeito a confirmação.

tempos pra nós isso é inegável por reunir essas potencialidades todas que ele trazia com ele e como ser humano como pessoa foi inegavelmente a maior escola.

M.C. – Estamos chegando ao término da entrevista e eu gostaria de deixar este momento para o teu registro final.

E.E. – Como praticamente eu relatei ao longo da entrevista eu tive a felicidade de conviver em uma grande escola. Fiz disso a minha profissão abandonei o que eu vinha estudando e não me arrependo. São quarenta e sete anos muito bem trabalhados com a escola. Tenho inúmeras realizações. Tive muitas dificuldades porque é muito difícil dirigir uma escola, atualmente mais difícil ainda os alunos adolescentes a disciplina que imperava muito na escola do seu Rolla imperava na minha anteriormente também. E tudo isso a gente vai modificando para que o aluno receba essa arte. Porque eu acho que o benefício da arte da dança é imensurável. Eu sempre coloquei muito ao longo desses anos na escola para os pais que nós trabalhamos com o corpo da sua filha, nós temos que cuidar da musculatura da sua filha, nós não podemos errar é a saúde corporal da sua filha. Então aí vem a nossa responsabilidade. Então a medida que eu cresci como escola sendo a pessoa responsável pelo aluno que está aqui dentro, mas venho agradecer ao passado pelas boas bases que tive. E hoje estou ciente que com quarenta e sete anos e fiz isso da melhor forma possível que eu pude e tenho como resposta a minha filha. Como te disse eu tenho duas filhas a mais velha, hoje com trinta e nove anos, ela está há dezesseis anos na Alemanha com uma escola há dez anos de balé clássico com trezentos e vinte alunos. É um sucesso! É uma escola que leva o nosso nome é uma filial na Alemanha. E ela me diz: “mãe o que eu aprendi contigo...” Porque qual o diferencial? a Alemanha é aquele povo mais distante e ela levou o abraço, o carinho da brasileira. Ela é muito cativante o pessoal lá diz: “tem a Xuxa¹⁹ brasileira e a Xuxa alemã que está aqui!” Mas isso tudo aconteceu por causa das bases maravilhosas a minha filha só fez a minha escola. Ela recebeu o convite para bolsa de estudos na Alemanha e dali ela conheceu o marido que fez uma escola pra ela e hoje é uma escola fantástica. Então os profissionais que trabalham comigo aqui em som, luz ela leva para Alemanha e eles fazem o espetáculo dela. Isso já aconteceu três quatro vezes. Técnicos brasileiros estão lá com ela. A minha outra filha fez Educação Física e pós-graduação em psicomotricidade e atua como professora e codiretora comigo aqui na

¹⁹ Maria da Graça Xuxa Meneguel, apresentadora e artista brasileira.

escola. Tenho o alicerce das duas filhas, eu acho que tu não faz nada sozinho, mas tudo vem de um desenvolvimento. Boas bases com Rolla e eu fui buscar também. Porque tu tens que buscar muito o aperfeiçoamento e foi o que eu fiz e daí praticamente dei a continuidade. Quando a Tatiane já estava na Alemanha ela ficou como primeira bailarina de uma das escolas da Alemanha e ela atuou e conheceu muito bem esse circuito Nova York também e fomentou ela a fazer a escola dela hoje. Então é tudo que eu tenho a dizer é um sucesso por muito trabalho e um trabalho bem consciente.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]